



FACOM  
**30**  
 ANOS

# JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório  
 da Faculdade  
 de Comunicação  
 da UFBA



## Página 8

27 anos de Produção em  
 Comunicação e Cultura

## Páginas 9 e 10

Reforma Curricular, já!

## Página 20

Como será o jornalismo  
 do futuro ?



# 30 anos da Faculdade de Comunicação

Por Suzana Barbosa e Leonardo Costa  
(Diretora e Vice-Diretor)

**H**á 30 anos, a Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia foi criada como Unidade autônoma. Desde a sua gênese, a FACOM possui a marca do engajamento coletivo, da luta, do esforço, da criatividade e da coragem para experimentar, para inovar, no ensino, na pesquisa, na extensão.

O curso de Jornalismo foi o elemento fundador desta Faculdade. Curso este criado em 1950, na então Faculdade de Filosofia, e depois agregado à Escola de Biblioteconomia e Comunicação no ano de 1969 como uma Habilitação do Curso de Comunicação. Em 1987, a Faculdade de Comunicação passa a existir como uma Unidade Universitária a partir da aprovação da sua criação pelo Conselho Universitário (CONSUNI), em reunião realizada em 13 de novembro de 1986.

Com índice de 4,8301 no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), realizado em 2015, o curso de Jornalismo obteve o maior conceito ENADE contínuo do Brasil. Os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 08 de março de 2017, comprovam o excelente rendimento dos alunos, que obtiveram o conceito máximo

(5). Dos 275 cursos de Jornalismo avaliados, apenas 18 conquistaram o índice de excelência pelo Ministério da Educação.

Ainda nos 80, a FACOM passou a ofertar cursos de especialização e a realizar atividades de extensão.

Em 1990, teve início a primeira turma do mestrado com a criação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom), o qual, em 1995, começa a funcionar com o doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas – passos decisivos para a formação pós-graduada, para o estímulo e para a consolidação da pesquisa. O Pós-Com já alcançou os patamares de maturidade e excelência acadêmicas.

A FACOM destaca-se como Unidade acadêmica pioneira no campo da organização da cultura ao criar, também em 1995, a Habilitação em Produção em Comunicação e Cultura. Um curso que já conquistou posição de referência no cenário nacional e uma importante inserção dos seus egressos em diversas instituições e diferentes empresas do setor.

Como Unidade “aberta ao novo”, em 2010, a FACOM inaugurou uma Área de Concentração em Cinema e Audiovisual para os alunos dos bacharelados interdisciplinares. Curso este que dialoga com uma tradição da instituição nessa área e ao mesmo tempo com a carência local de espaços de formação para uma crescente excelência técnica e artística.

Não podemos deixar de mencionar as transformações físicas que propiciaram a melhoria da infraestrutura de nossa Unidade nesses 30 anos.

Da ocupação do antigo prédio da Biblioteca Central (atualmente Instituto de Saúde Coletiva), no Canela, até o atual prédio no Campus de Ondina que anteriormente sediava o Restaurante Universitário, a luta e o esforço contínuo para conseguir atender às diversas atividades realizadas pelos estudantes, professores e técnicos-administrativos da Faculdade, sempre marcaram nossa história. Para quem chegou recentemente à FACOM não é tão simples imaginar como era a nossa estrutura, e como as transformações tecnológicas também perpassaram essas constantes alterações. Da máquina de escrever ao computador, hoje a convergência já nos coloca em outro patamar de reflexão.

A Faculdade de Comunicação é a mais antiga e a mais importante no Estado da Bahia, sendo, também, referência nacional, formadora de profissionais e de pesquisadores na área da Comunicação. Só podemos desejar para ela mais anos de conquistas e realizações para a sua crescente consolidação nos melhores patamares de excelência. E, sobretudo, agradecer a todos os professores e técnicos-administrativos (ativos e aposentados), aos estudantes – os já formados e a todos que hoje aqui estão formando-se profissionais e pesquisadores.

Somos todos FACOM.

## JORNAL DA FACOM

EXPEDIENTE

Fevereiro 2018

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia – Brasil

Produção da disciplina  
Oficina de Jornalismo Impresso  
Primeira edição, semestre 2017-2

Reitor: João Carlos Salles

Diretora da Facom: Suzana Oliveira Barbosa

Coordenação Editorial:  
Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Edição de Arte e Diagramação:  
Carla Rizzo, - MTb 19.260

Editorxs chefxs: Bruno Luiz, Júnior Moreira e Raquel Saraiva

**Repórteres:** Alana Brasil, Alessandra Oliveira, Amanda Dutra, Ariadiny Araújo, Caroline Magalhaes, Cristiana Fernandes, Cristiane Schwinden, Daniel Brito, Daniele Marques, Eli Neves, Giovanna Hemerly, Glenda Dantas, Heitor Oliveira, Igor Cordeiro, Levy Teles, Lucas Arraz, Lyane Menezes, Maria Quinteiro, Mariana Gomes, Pedro Nascimento, Raquel Saraiva, Rayllanna Lima.

**Colaboradorxs:** Beatriz Costa, Gabriel Moura, Hilza Cordeiro, Ingrid Medina, Luciano Marins, Marcela Vilar, Marina Bastos.

**Fotógrafxs:** Dan Figliuolo/LabFoto, Gabrielle Guido/LabFoto, Heitor Oliveira, Matheus Buranelli/LabFoto, Brisa Andrade/Labfoto, Felipe Iruatã

**Projeto Gráfico:** Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

**Impresso em Gráfica FeF (Brasília)**

**Tiragem: 600 exemplares**

**Distribuição gratuita**

**Contato:** [jornaldafacomufba@gmail.com](mailto:jornaldafacomufba@gmail.com)





# Da Facom para o mundo

No aniversário da Facom, alguns egressos contam suas recordações da graduação

Raquel M. Saraiva

**A** Facom faz 30 anos em 2017, mas a UFBA forma jornalistas desde a década de 1950, quando o curso compunha a grade da então Faculdade de Filosofia e, posteriormente, Biblioteconomia. Desde 1996 a faculdade também forma produtores em comunicação e cultura. Alguns seguiram a profissão, outros buscaram novos caminhos. Por isso, o Jornal da Facom decidiu ouvir egressos para compartilhar suas memórias e experiência da graduação e apresentarem a importância que a instituição teve em suas carreiras profissionais.

**Fernanda Bezerra**  
(Produtora em Comunicação e Cultura, formada em 2008)

“Ser uma produtora com uma formação intelectual da Faculdade de Comunicação me coloca em uma posição diferente no mercado. O pensamento e o olhar sobre a cidade e os produtos culturais são mais estratégicos. Me marcaram muito os primeiros projetos da Produtora Júnior. Na produtora fiz uma imersão sobre o universo prático”.



**Carlos Paiva** (Gestor Cultural, graduado em Produção em Comunicação e Cultura em 1999)

“Fui da primeira turma de Produção. Quando entramos quase não havia bibliografia, então era muito diferente de hoje. Foi um começo desbravador, mas também com uma parte precária. Mas os idealizadores do curso fizeram uma construção consistente, tanto que a coleção CULT e o ENECULT são hoje referências internacionais. Neste sentido, importante citar o professor Albino Rubim, que foi uma importante liderança para a constituição destas frentes. Hoje muitos dos professores da UFBA são referências nacionais em seus campos de pesquisa, a exemplo de economia da cultura e políticas culturais, e a convivência com eles foi fundamental na minha formação. E não apenas os professores, mas todos os convidados que a Universidade [recebia] tal como o ciclo de formação realizada pela Cátedra Andrés Bello [em 2005]. Foi marcante”.



Fotos: Arquivo pessoal

**Ceci Alves** (jornalista e cineasta, formada em 1994)

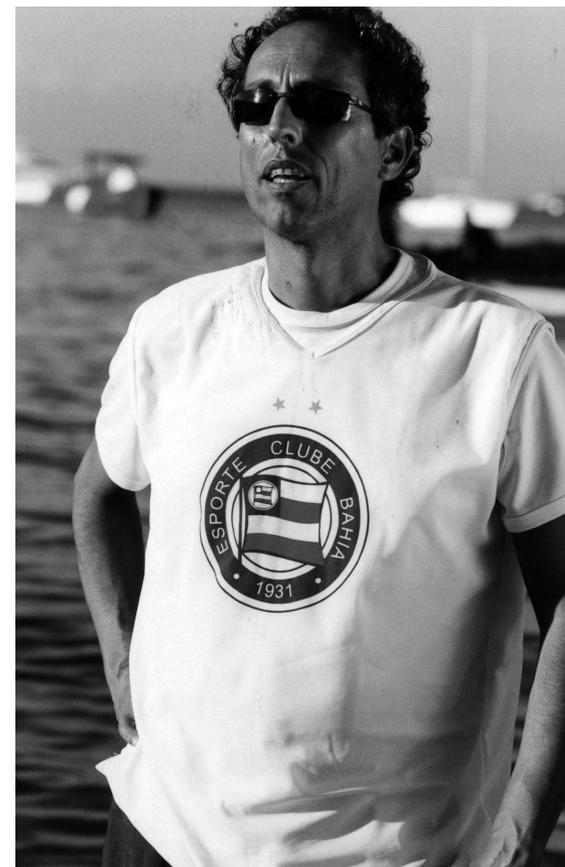
“Eu sou muito apaixonada pela minha profissão. Uma das coisas que me fazem respirar é estar em campo como jornalista. E eu devo isso à Facom. Os professores são muito ciosos do nosso dever enquanto partícipes e transformadores da sociedade. Não acho que o jornalismo e a arte mudam as pessoas, mas tem o poder de tocá-las. Isso sim muda o mundo”.





**Telma Verçosa (editora de qualidade da Rede Bahia de Televisão, graduada em Jornalismo em 1995)**

“A Facom tinha alunos muito rebeldes. A minha turma criava muito, protestava. Isso era legal. Isso abriu minha cabeça, mostrando-me novos caminhos e outros horizontes. Tenho amigos da faculdade até hoje. O problema é que de modo geral as faculdades não estão acompanhando as mudanças do jornalismo. É muito difícil pro meio acadêmico entender que algumas disciplinas precisam ser dadas por professores que estejam no mercado. Existem algumas coisas da prática que se a pessoa não estiver no meio, ela está defasada”.



**Patrícia Portela (jornalista, vice-representante da Unicef em Angola, graduado em 1992)**

“A Facom foi um mundo que se abriu pra mim. Só peguei uma disciplina relacionada ao meu trabalho: Comunicação e Comunidade. Mas muito do que faço me remete aos projetos e discussões que tivemos. Aprendi muito com os meus colegas, pois nos organizávamos para ir às aulas, debates, e sempre questionávamos o jornalismo que era feito. Esse aprendizado com certeza trago para o meu trabalho”.

**Bob Fernandes (jornalista, comentarista político do Jornal da Gazeta, da TV Gazeta de São Paulo, graduado em 1980)**

“Era uma época difícil, foram anos de enfrentamento contra a ditadura e a faculdade era depauperada de material e de recurso. Para se ter um ideia, o professor tinha que desenhar uma câmera de vídeo no quadro, pois não tínhamos o equipamento. A primeira grande greve geral da qual participei foi na UFBA. O primeiro emprego que consegui como jornalista foi por causa da faculdade, ainda na graduação, e os professores aliviavam a cobrança de presença, por exemplo, para os alunos que trabalhavam. Os funcionários também foram muito importantes nessa época - como o Ailton [Antonio Oliveira]. Meu apelido [o nome de Bob é Roberto] também surgiu na faculdade. Foi uma época de muito aprendizado humano”.

**Gonçalo Jr (escritor e jornalista, formado em 1993)**

“Sempre teve um racha notório na faculdade entre o pessoal de Teorias da Comunicação e o pessoal do Jornalismo. Presenciei dois professores trocando sopapos no corredor porque um queria que um computador que tinha chegado na faculdade fosse para o departamento de comunicação, e outro queria que fosse para o departamento de jornalismo. Os alunos eram bastante ativos na Facom. As turmas de 1987 a 1990 eram bem unidas. Nós produzíamos muito, de jornais a mostra de cinema. Fizemos alguns fanzines, como o Baloon [1991], que foi eleito o melhor do Brasil pelo Jornal da Tarde [de São Paulo]”



**Jean Wyllys (Deputado Federal, jornalista graduado em 2000)**

“Tive muitos professores bons na Facom, e outros que não eram tão bons mas eram ótimas pessoas. A Facom era avant-garde e estava tão à frente das outras escolas de comunicação do Brasil, que todo esse debate corrente sobre modernidade líquida, já fazíamos no início dos anos 90. A internet estava iniciando e a Facom refletia sobre ela de um modo tão maduro que até hoje o reproduzo como parte do meu trabalho político como coordenador da Frentecom (Frente Parlamentar pela Liberdade de Expressão e o Direito à Comunicação com Participação Popular)”.





# Crônicas da FACOM

## Diretora e ex-diretores compartilham histórias sobre seus anos à frente da Faculdade de Comunicação

Caroline Magalhães

**30** anos de história guardam muitas outras. Entre 1987 e 2017, o Brasil teve sete presidentes, criou uma nova Constituição, conquistou duas Copas Mundiais de futebol e acrescentou 65 milhões de pessoas à sua população. Na Faculdade de Comunicação, cinco pessoas ocuparam a direção durante o período. Intervenções, avanços, mobilizações estudantis e casos marcaram, para bem ou para mal, a história da FACOM. A seguir, confira os relatos de quem acompanhou tudo isso.

Foto: Gabriel Guido (LabFoto)



**Albino Rubim**

Foi o primeiro diretor eleito da unidade, mas cumpriu mandato por apenas um ano. Ele havia participado do movimento contra a eleição do então reitor Rogério Vargens, que havia sido escolhido apesar de ter ficado em quinto lugar numa lista sêxtupla. O reitor, então, 'perseguiu' opositores: entre eles, Rubim, que perdeu seu mandato em 1988. Em 1993, voltou à direção com Marcos Palacios como vice, e, nove anos depois, foi diretor novamente, com Nadja Miranda como companheira de chapa. Participou da criação do programa de pós-graduação da faculdade, o PósCom, e do curso de Produção Cultural. Foi secretário de Cultura do Estado da Bahia e hoje, aposentado, continua pesquisando na área.

**“Eu tive gestões muito diferentes. A primeira foi quando conseguimos criar a FACOM praticamente do zero. Os alunos e professores invadiram o prédio de Ondina [em que hoje fica a faculdade] como um ato a favor da separação do curso de biblioteconomia. Desde então, a faculdade cresceu imensamente. É outra realidade. Quando eu e Marcos Palacios voltamos à direção, em 1993, consolidamos a pós-graduação e o mestrado que havíamos criado e focamos na graduação. Daí veio, por exemplo, a criação do curso de Produção Cultural. Não foi um processo tranquilo, muitas pessoas preferiam a criação de algum curso mais tradicional. Mas decidimos pegar a tradição cultural que a FACOM tinha - naquele tempo, quem queria trabalhar com cultura estudava Comunicação - e criamos um curso que foi o primeiro do Brasil, junto com o da Universidade Federal Fluminense. Uma instituição de ensino deve ir além de um somatório de professores e alunos. Se você está aqui dentro, é para fazer alguma coisa: construir o novo é o que dá a graça.”**





Fotos: Gabrielle Guido (LabFoto)

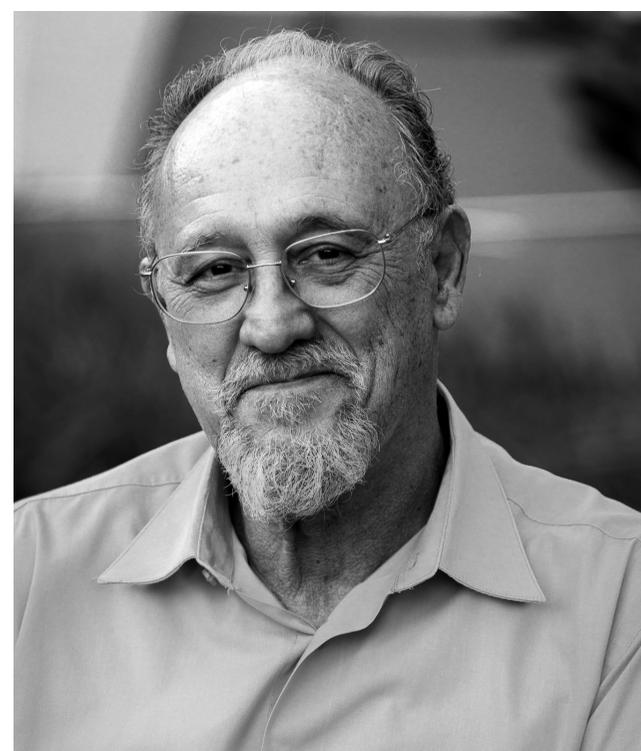


### Ruy Espinheira

O escritor é amplamente conhecido por seu trabalho literário - já publicou mais de 30 livros e é membro da Academia de Letras da Bahia. Possui, também, extensa história dentro da academia. O ex-diretor se formou em Jornalismo em 1973, é mestre em Ciências Sociais e doutor em Letras. Foi diretor da FACOM entre 1989 e 1993. No total, passou mais de 30 anos no ambiente acadêmico. Hoje, se dedica exclusivamente à escrita.

**“ A coisa mais surpreendente [que aconteceu comigo] foi o próprio fato de ter sido diretor. Eu não tinha feito campanha, não tinha feito nada. Os professores estavam organizando uma chapa e me pediram licença para colocar meu nome nela. Disseram que as pessoas gostavam de mim, que seria bom, e eu concordei. Como a faculdade estava sob intervenção, era o reitor que nomeava a direção a partir da chapa vencedora. A minha chapa ganhou, mas [Rogério] Vargens, o reitor, se negou a escolher alguém, já que eram todos adversários políticos dele. Na época, a faculdade de comunicação era ‘persona non grata’ da universidade. Os professores, então, resolveram entrar na justiça, que intimou o reitor a fazer uma nomeação. Sem saber o que fazer, ele foi conversar com Carlos Fraga, chefe de advocacia da UFBA, com a lista na mão. Disse que não sabia quem nomear como diretor e Carlos respondeu: ‘Tem um aqui nessa lista que é muito amigo de minha mulher, vai lá em casa de vez em quando com Jorge Amado e Florisvaldo Matos’. Vargens nem me conhecia, mas disse que se eu era amigo de Carlos, então seria eu o nomeado. ”**

**“ Quando Ruy Espinheira era o diretor [entre 1989 e 1993], começou o processo de informatização. Fui conversar com ele e disse que precisávamos de um computador. Ruy, que é uma pessoa das letras, entendia naquelas alturas o computador como uma espécie de cérebro eletrônico. ‘Nós não fazemos cálculo, para quê um computador aqui?’, e dizia que era caro... Mas conversei muito e consegui convencê-lo a comprar um. Nem mouse tinha, era tudo feito através de códigos. Era complicadíssimo. As pessoas passavam por ele curiosas. A faculdade só se convenceu depois de uma reunião na pós-graduação, na qual levamos a pauta impressa. Durante a reunião, fomos fazendo mudanças no texto e Jacira, a então secretária da PósCom, que tinha aprendido junto comigo a mexer no aparelho, ia anotando as coisas. No final da discussão, ela saiu para passar as coisas para o computador e antes que começássemos o segundo ponto, já trouxe a nova versão impressa. Todo mundo se espantou, e quando acabou a reunião foram todos olhar o computador, encantados. Aí começou o processo de informatização, mas com apenas um aparelho. Os alunos ainda não tinham acesso. Quando retornei à direção, passei a brigar para que, com recursos da universidade, se criassem laboratórios de acesso livre, para que todos pudessem usar os computadores. ”**



Fotos: Dan Figliuolo (LabFoto)

### Marcos Palacios

Fez doutorado em Sociologia pela Universidade de Liverpool antes de entrar na área de comunicação. Chegando à FACOM, participou não só da criação da Pós-Com, como procurou, em suas gestões, profissionalizar a faculdade, trazendo inovações para a área da Comunicação. Foi vice-diretor nos períodos de 1987/88 e 1993/97 e diretor em 1997/2001. Já aposentado, coordena o Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line da Faculdade de Comunicação, o GJOL.



**“Quando se é gestor, é preciso proporcionar um ambiente para os outros florescerem, cuidar do ambiente coletivo. Eu cheguei na Bahia em 2001 e me tornei diretor em 2005 [após o terceiro mandato de Albino Rubim], em um momento de debate das políticas afirmativas dentro da universidade. Foi um momento de muita importância. A UFBA hoje tem mais cara de Salvador. Além disso, o REUNI [Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais] foi muito importante para a UFBA e para a FACOM. Éramos uma universidade com poucas vagas noturnas e mudamos isso. É preciso crescer sempre. A reforma do andar de baixo da faculdade, por exemplo, veio de uma verba que havíamos recebido em 2010 [através de um edital do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações]. É preciso fazer escolhas: ou decidimos rogar pragas contra a escuridão ou decidimos acender velas. Eu sempre preferi acender velas.”**



**Giovandro Ferreira**

Foi diretor da faculdade entre 2005 e 2013. É mestre e doutor em Ciência da Informação pelo Institut Français de Presse et Communication, na França. Acompanhou, em seus mandatos, a criação das cotas raciais para as universidades públicas, a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, REUNI, e outras mudanças no ensino superior brasileiro. É pesquisador nas áreas de teorias da comunicação, teorias do jornalismo, análise do discurso e história da comunicação e do jornalismo e atual presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom. Giovandro ensina, desde 2015, a disciplina de Teorias da Comunicação.

Fotos: Gabrielle Guido (LabFoto)



**“A minha relação com a FACOM é, acima de tudo, afetiva. Eu havia prestado concurso para a Universidade Federal Fluminense e os dois anos que passei lá foram excelentes. Mas, quando surgiu a oportunidade de fazer um concurso aqui, eu fiz. Era o que eu queria. Muita gente questionou: “sair do Rio e voltar para Salvador? O caminho não é o contrário?”. Foi em parte pelo afeto, mas eu sei o que é a FACOM. E estou aqui há sete anos - parece pouco tempo mas eu já trabalhei muito. Com a carga de trabalho da direção, pesquisar e escrever artigos fica para os finais de semana, entretanto não considero isso um peso. Eu gosto de produzir, de trabalhar.”**

**Suzana Barbosa**

É a atual diretora da Faculdade de Comunicação e a primeira mulher a assumir o cargo desde a criação da instituição. Formada em jornalismo em 1993, trabalhou em redações antes de se dedicar à vida acadêmica. É mestre e doutora pela UFBA e pós-doutora pela Universidade de Santiago de Compostela. Ministrou as disciplinas de Oficina de Jornalismo Digital, Jornalismo Especializados, Comunicação e Contemporaneidade e Temas em Teorias Contemporâneas da Comunicação e da Cultura. Seu mandato teve início em 2013, após o segundo mandato de Giovandro Ferreira. É também coordenadora do GJOL, junto com o professor Marcos Palacios.



# É isso mesmo, Produção?

Com 21 anos de existência, o curso de Produção em Comunicação e Cultura da Facom ainda tem caráter experimental

Daniele Marques, Maria Quinteiro, Alana Brasil e Giovanna Hemerly

Há 21 anos a UFBA criava o curso Produção em Comunicação e Cultura para atender as demandas de profissionais da área, por conta do grande crescimento e da estruturação que o mercado de produção cultural passava na época. Hoje, o curso que é considerado um dos três melhores do país pela revista Guia do Estudante, do Grupo Abril, ainda luta por um lugar dentro da Universidade e enfrenta problemas com o currículo, a regulamentação da profissão e a presença de poucos professores atuantes ou pesquisadores da área.

## Produção Cultural?

Na Facom, principalmente nas disciplinas teóricas dos primeiros semestres, as turmas são compostas por grupos de estudantes dos dois cursos existentes na instituição. Essa mistura leva à pergunta: “e aí, jornalismo ou produção?”

Os estudantes da Faculdade costumam falar sobre o curso referindo-se a ele como “Produção Cultural”, o que gera desconforto nos estudantes da área, que acreditam que a redução no nome leva à depreciação do mesmo. “Quem disse que só estamos aqui para produzir cultura?”. É o que questiona Caique Souza, quarto semestre do curso de Produção em Comunicação e Cultura.

De acordo com a ementa, o profissional da área realiza estudos e pesquisas no campo de comunicação e cultura, além de planejar, produzir e realizar atividades culturais e comunicacionais, sob variadas formatações, como shows. Mas, para Alice Vargas, produtora formada em 1997, a profissão vai além disso. “O nome do curso é Produção em Comunicação e Cultura. É mais do que produzir show ou submeter um projeto cultural às leis de incentivo. Acredito que o mais importante é o pensamen-

to sistêmico necessário para desenvolver um bom projeto de comunicação e cultura: é preciso planejar, fazer gestão de pessoas, pensar na parte financeira, nas ações de divulgação, na logística envolvida, nos relatórios de comprovação”, explica.

## Como tudo começou

O curso de Produção em Comunicação e Cultura, um dos pioneiros no país, foi proposto por Albino Rubim, diretor da Facom na época, com o intuito de criar um novo perfil para faculdade, vinculando comunicação com cultura. Para os alunos da primeira turma, criada em 1996, a nova proposta chegou como uma surpresa. “Quando fomos nos matricular, na Facom do [bairro] Canela, a coordenação do colegiado estava recém formada e o curso tinha acabado de ser aprovado pelo Conselho Universitário. Ofereceram 10 vagas aos alunos que tinham passado para jornalismo. Uma loucura!”, lembra a professora Daniele Matos, formada na primeira turma. “Éramos cinco apenas, nem preencheram as dez vagas porque era algo bastante novo e todo mundo ali tinha se preparado para fazer o curso de Jornalismo”, completa Matos.

E se hoje ainda é comum os calouros de Produção terem diversas dúvidas com relação ao curso, para a primeira turma elas eram ainda maiores. Daniela conta que mesmo sem saber exatamente como seria a experiência, decidiu trocar o tradicional curso de Jornalismo pela novidade. “Não posso dizer que naquele momento eu sabia exatamente o que significava o curso, que na época chamávamos de Comunicação em Produção e Cultura, o nome formal”, lembra.

## Queremos mais práticas!

O curso de Produção em Comunicação e Cultura da Facom é considerado recente, por isso

ainda conserva certo caráter experimental. Uma reclamação frequente dos estudantes têm sido com relação aos docentes. Pouquíssimos são profissionais ou pesquisadores nessa área específica, e a maioria está voltada para o campo jornalístico. Outro mal-estar são as poucas possibilidades de realizar práticas. A produtora cultural Jordana Feitosa, formada em 2013, reclama que é preciso investir em mais disciplinas práticas para que os futuros profissionais possam estar mais preparados para atuar na área. “A teoria é importante, mas não é o suficiente para quem quer fazer acontecer o que está escrito no projeto”, opina.

## O que esperar de Produção?

Diante das contrariedades, muitos se questionam se vale a pena fazer a graduação. No entanto, ex-alunos garantem que o curso ainda é um importante investimento e a reforma curricular que está chegando gera melhores expectativas. “Embora apresente deficiências, o curso não é ruim. Indicaria para uma pessoa que deseja seguir carreira acadêmica, mas não para quem quer ingressar de imediato no mercado de trabalho. Dos colegas que formaram comigo, poucos decidiram seguir a carreira e conseguiram um espaço no mercado de trabalho”, lamenta Aline Bispo, formada em Produção pela Facom, mas atuante na área de marketing.

Jordana Feitosa também acredita que o curso pode ser interessante e que a área oferece diversas possibilidades. “Ele não é um passaporte para o mundo do entretenimento apenas, te dá a opção de se enveredar por outros caminhos, basta que cada um busque aquilo que deseja. Além disso, estamos falando do curso de uma das melhores universidades do país e que tem um corpo docente muito bom”, afirma.



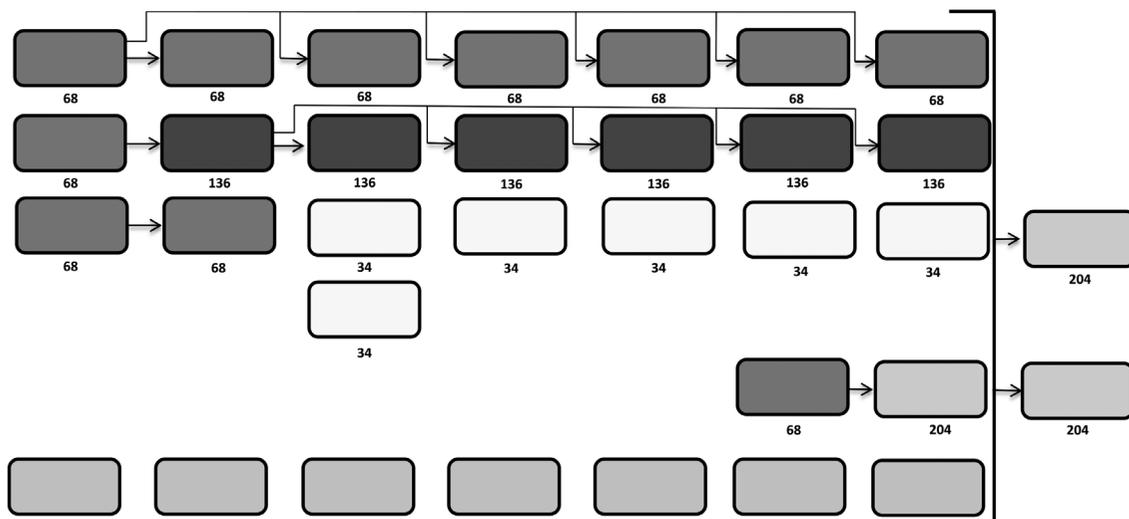
# As reformas curriculares na Facom vêm aí

## A expectativa é de que as novas propostas sejam implantadas em 2018

Beatriz Costa, Elisângela Neves e Ingrid Medina

**A** nova grade curricular dos cursos de jornalismo e produção em comunicação e cultura pode ser implementada ainda em 2018. As propostas foram discutidas entre alunos e docentes e objetivam alterar o currículo em vigor, que data de 2009.

A reforma se concretiza com a criação de três Núcleos Docentes Estruturantes (NDE), criados em 2015 para discutir e aperfeiçoar as propostas de mudanças, tanto na grade curricular, quanto nos projetos pedagógicos das atuais habilitações do Curso de Comunicação da Facom - Jornalismo e Produção em Comunicação e Cultura - e do curso de Cinema, que hoje é área de concentração do Bacharelado Interdisciplinar em Artes e ministrado na Facom.



### Jornalismo olha para o futuro

No curso de jornalismo a principal mudança se refere à implantação das redações integradas, componentes curriculares dentro do mesmo eixo temático, envolvendo práticas laboratoriais e multimídia desenvolvidas conjuntamente por três docentes. “Essas disciplinas seriam dadas por pelo menos três professores e um deles seria o coordenador. As redações integradas representam um ganho para os estudantes, pois só assim será possível ter uma visão integrada como realmente funciona o jornalismo na prática”, afirma Carla Rizzo, coordenadora do Colegiado do curso de Comunicação.

Para os novos alunos de jornalismo a grade ainda terá outras modificações como a inserção de novas disciplinas optativas e a integração das eletivas de outros cursos da UFBA, para que os e as discentes possam ter acesso a conhecimentos de outras áreas.

O principal motivo para a reestruturação da grade curricular e do projeto pedagógico está nas novas diretrizes curriculares nacionais instituídas pelo Ministério da Educação (MEC), na Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009. O MEC entende que essas novas regras podem aperfeiçoar o ensino de Jornalismo, valorizar a profissão e qualificar ainda mais os aspirantes ao seu exercício. As novas diretrizes respondem, em parte, aos lineamentos do Programa de Qualidade do Ensino de Jornalismo que a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) elaborou e defendeu juntamente com outras organizações, como o Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

### Produção em Comunicação e Cultura

A reforma do curso de Produção em Comunicação e Cultura inclui um reordenamento de

disciplinas já existentes e criação de novas. O coordenador do NDE de Produção Cultural, Leonardo Costa, afirma que algumas matérias como Comunicação e Atualidade e Ética passarão por mudanças. “[a disciplina] Atualidade não seria mais obrigatória e Ética se transformará em Direitos Culturais e Ética”, afirma Costa. A matéria Assessoria de Comunicação saíria do currículo e no lugar entraria Comunicação Estratégica. As propostas já foram apresentadas ao Departamento e aos alunos e alunas e está na fase de formulação. O Centro Acadêmico Vladimir Herzog também iniciou consultas com o corpo discente.

### Outras mudanças

Carla Rizzo afirma que existe o desejo de aumentar o número de optativas de outros departamentos, ou seja, de outras áreas que podem estar relacionadas a comunicação, como Belas Artes, Economia, Filosofia. Essa disciplinas que atualmente precisam de um processo para serem convalidadas como optativas seriam transformadas em componentes livres para os alunos da FACOM.

É importante ressaltar que haverá mudanças na carga horária das atividades obrigatórias e complementares para o curso de Jornalismo. As atividades complementares terão uma redução de 300 para 200 horas enquanto as obrigatórias aumentarão de 2952 para 3022 horas. Essas mudanças se devem as novas diretrizes que modificaram a proposta de estágio que anteriormente era considerado atividade complementar e agora será obrigatório. Algumas regras do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) também mudam. O trabalho será individual e não grupal.

# Diplor

Universidade  
poderá contar com  
curso pleno da  
sétima arte

Foto: Gabrielle Guido (LabFoto)



JORNAL LABORATÓRIO | FACOM/UFBA

# ma de cineasta

Ariadiny Araújo e Hilza Cordeiro

**A**Bahia foi um dos estados pioneiros no ensino superior de arte no país através da Universidade Federal da Bahia, sob a liderança do então reitor Edgard Santos, o “Magnífico”. 71 anos depois os professores do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Cinema na Facom retomam o antigo desejo e apresentaram, em Novembro passado, nova proposta com alterações para transformar a área de concentração em Cinema e Audiovisual do Bacharelado Interdisciplinar (BI) em Artes num projeto de curso em dois ciclos.

Atualmente, os estudantes do BI em Artes podem concluir o curso escolhendo, nos seus três últimos semestres, uma área de concentração que pode ser Estudos Coreográficos, Teatro, Estudo das Cidades, Escrita Criativa, Política e Gestão da Cultura, Artes e Tecnologias e Cinema e Audiovisual. As disciplinas desta última modalidade são ministradas por professores da Faculdade de Comunicação (Facom). Ao terminar o bacharelado, os estudantes podem usar o score para ingressar num Curso de Progressão Linear (CPL) e ou até mesmo uma vaga em pós-graduação. De acordo com o professor Giovandro Ferreira, ex-diretor da faculdade, desde os primeiros debates sobre o curso de cinema via-se a pertinência dele como área ligada à Comunicação, o que resultou numa feliz interrelação entre o Instituto de Humanidades, Artes e Ciências e a Facom.

O BI foi fundado em 2009 e, de lá até cá, mais de uma centena de alunos já se formaram na área concentração cinematográfica. No entanto, para o professor José Francisco Serafim (foto ao lado), a capacitação em apenas três semestres não é suficiente. Com 60 vagas ao todo, o BI em Artes possui uma turma no turno vespertino e outra no noturno. Ao fim, os três semestres da concentração em Cinema e Audiovisual completam 1.200 horas/aula. “É possível instrumentalizar minimamente sobre as diversas atividades e possibilidades do audiovisual e do cinema, mas é impossível em tão pouco tempo o aluno se graduar em cinema”, argumenta ele, que integra o NDE ao lado dos colegas Fábio Sadao Nakagawa, Guilherme Maia, Leonardo Reis, Marcelo Costa, Marcelo Ribeiro, Marcos Carvalho e Umbelino Brasil.

## Abertura para os bacharelados

Para instruir melhor essa demanda de novos cineastas, o NDE propõe a reformulação da grade curricular da área de concentração e a criação do

curso em dois ciclos, um tipo de graduação ainda inexistente na Ufba. Assim, depois de ter passado pela concentração, se desejar, o aluno segue para o segundo ciclo, que consiste em mais três semestres (680h/aula) que aprofundam os conhecimentos e o aperfeiçoamento profissional. Mas somente quem cursou a área de concentração poderá acessar a segunda parte. A modalidade inédita rende dois diplomas e já é vista com simpatia pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd). Para o professor Umbelino Brasil, a maior dificuldade está no regimento da universidade. “A própria universidade não regulamentou até hoje como se processa um curso em dois ciclos. Para criar um curso com a arquitetura diferente dos cursos de progressão linear, primeiro é preciso regulamentar o seu funcionamento”.

O maior desafio da nova proposta é que a área de concentração em Cinema e Audiovisual, hoje restrita apenas para os estudantes do BI em Artes, seja acessada por discentes de todos os bacharelados interdisciplinares (Humanidades, Tecnologia e Saúde). De acordo com Fábio Sadao, para que isso seja possível é necessário alterar o projeto pedagógico atual. “Não dava para fazer uma simples alteração porque qualquer mudança que vá criar um novo fluxo para permitir entradas e saídas precisa alterar o projeto pedagógico”, afirma. A questão ainda não está definida, mas não houve oposição dos estudantes à ideia durante a reunião.

## Alterações na grade

Para implantar o segundo ciclo, a proposta inclui as alterações na grade curricular atual. Algumas matérias sofrem pequenas mudanças na ordem, nomenclatura e ementa. “Tentamos fazer da forma menos brusca possível”, adianta Sadao. Assim, mantém-se as quatro matérias optativas, mas no lugar de dois componentes livres, a grade recebe duas disciplinas teóricas sobre História do Cinema e Teorias do Cinema e Audiovisual, que antes eram optativas. A matéria de Oficina e Processos Tecnológicos (COMA85), que permite o contato com softwares de edição, foi transformada em optativa porque os professores entenderam que os alunos podem aprender essas habilidades durante a realização de filmes em outras disciplinas. No entanto, os alunos presentes na apresentação tiveram críticas à decisão pois alegaram que sentem dificuldades com técnicas de gravação, montagem, edição.

A sugestão foi anotada e pensou-se na criação de uma disciplina chamada Introdução às Práticas do Audiovisual, que deve versar sobre os processos

tecnológicos do cinema. É importante ressaltar que a proposta do curso está em desenvolvimento e ainda pode sofrer alterações, mas o NDE quer garantir que as pessoas que já cursaram determinadas matérias possam pedir o aproveitamento delas posteriormente.

## O segundo ciclo

Cursada a área de concentração, o egresso do BI irá para o ciclo de aperfeiçoamento, que inclui matérias como Elaboração de Projetos, Gêneros e Formatos Cinematográficos e Audiovisuais, Economia e Política do Audiovisual, Trabalho de Conclusão de Curso I e II, Laboratório de Realização e Produção Audiovisual I e II. As disciplinas laboratoriais serão de apoio à realização do TCC que, pelo menos por enquanto, contempla apenas produtos. Nelas, três professores serão encarregados de orientar os estudantes no desenvolvimento de filmes.

Para Raquel Carvalho, 20, estudante do BI, a proposta lhe pareceu interessante justamente pela existência do TCC, que hoje não é exigido para conclusão dos bacharelados. “No início, eu achava que era legal não ter TCC no BI, mas depois entendi a importância. Acho que poderá nos render um trabalho mais relevante que, querendo ou não, deixará algo para a sociedade”, acredita. Os colegas Jefferson Carvalho e Sailon Paixão, 20, tiveram críticas pontuais, mas também ficaram entusiasmados com a possibilidade porque acreditam que o curso é necessário para que os cineastas ingressem no mercado de trabalho. “É uma questão de formalidade também. Quando você é de fato da área, é diferente de fazer um Bi em Artes, que é muito amplo em relação aos cursos de Cinema e Audiovisual da FTC e da Unijorge, por exemplo. De certa forma, você se sente meio marginalizado dentro da área”, comenta Jefferson, que por enquanto pretende seguir para o curso de Produção Cultural.

Ainda na fase de escuta dos estudantes, os professores pretendem analisar as sugestões e críticas e apresentar o projeto final. “A proposta é uma coisa sonhada, pensada, cheia de expectativas, a gente acha que só vai conseguir trazer mesmo uma resposta efetiva no meio do processo, para poder dizer o que vai dar certo ou o que não vai”, avalia o professor Leonardo Reis. Segundo Sadao, a perspectiva otimista é de que o projeto fique consolidado em um ano e meio, considerando os trâmites junto à Prograd.

# Dilemas do Centro Acadêmico

## Participação dos estudantes precisa ser estimulada

Levy Teles, Mariana Gomes e Gabriel Moura

O Centro Acadêmico (CA) da Faculdade de Comunicação leva o nome do jornalista Vladimir Herzog, figura política emblemática e combativa na luta contra a ditadura militar brasileira. Diferente do seu homenageado, o CA da Facom tem tido dificuldade em mobilizar a classe estudantil. Os centros acadêmicos são fruto da articulação estudantil e a força principal de representação política dos e das estudantes dentro de um instituto.

Na Facom, poucos são os estudantes que, de fato, participam do CA, seja nas atividades de integração ou na tomada de decisões. Na última eleição para o Centro Acadêmico, que aconteceu em 25 de janeiro de 2017, por exemplo, apenas 9% (59 de um total de 649) dos estudantes da instituição votaram. Desses, 33 votos foram para a chapa Culturação, 23 brancos e 3 nulos.

Para Roberto Júnior (foto acima), coordenador de Administração da gestão eleita no último pleito, a pouca mobilização estudantil se deve ao sentimento de aversão à política. “Quando se ouve a palavra política, as pessoas costumam se afastar. Há uma repulsa quando se fala de movimento estudantil”, acredita.

No entanto, para Tâmara Terso, ex-aluna e membro do CA da Facom, a situação hoje é melhor do que quando ela ingressou na universidade, em 2008. “Quando entrei, não havia gestão há cerca de um ano e meio”, conta. Tâmara foi uma das responsáveis pela reativação do Centro Acadêmico. Desde então, não houve mais registro de vacância no comando do CA.

Tâmara acredita que o CA atualmente se mostra mais ativo e participante. “A instituição consegue ter diálogo com o departamento, ajudar os estudantes, intervir nos casos de opressões e organizar a semana do calouro”, comemora.

PÁGINA 12 | FACOM 30 ANOS



Dudu Assunção, estudante da Facom desde 2010, também avalia que a participação estudantil atualmente é maior do que quando entrou. “Hoje você tem um coletivo que se une em prol do CA e isso é muito importante,” constata. Dudu ainda acredita que esse aumento na participação pode levar a um engajamento ainda maior no futuro.

No entanto, mesmo com uma melhora recente na participação política na faculdade, Mateus Costa, 24, membro da gestão Baobá (2014-2016), afirma que ainda é difícil fazer com que os estudantes participem das reuniões organizadas pelo Centro Acadêmico. Nelas, são discutidas questões relativas ao dia a dia dos estudantes. “Uma vez fizemos uma assembleia na entrada da Facom porque diziam que no auditório as pessoas se intimidavam. Apenas cinco pessoas compareceram. Não deu para deliberar nada, mas a conversa aconteceu”, lamenta.

### Soluções

Tentando contornar o problema do afastamento dos estudantes do CA, a gestão Culturação busca formas de trazê-los às discussões. Para isso, tem feito algumas ações, como organizar debates sobre a reforma curricular dos cursos de Jornalismo e Produção Cultural e iniciativas conjuntas com o Instituto de Letras para debater as transformações ocorridas desde a implementação das cotas raciais e sociais na universidade.

A gestão avalia que um dos avanços é a nova estrutura de recepção dos calouros. A Semana de Comunicação e Cultura recebeu aprovação da chamada pública realizada pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT), liberando uma verba de R\$ 2 mil para ser aplicada na iniciativa. “Além de mostrar ao calouro o que é a Universidade, vai mostrar mais a fundo o que são as habilitações de Produção Cultural e Jornalismo. Acho importante as pessoas já entrarem conhecendo mais sobre a faculdade”, diz Roberto.

Na primeira edição da Semana de Comunicação e Cultura, foram feitas mesas de debates sobre diversos temas, como a luta contra o machismo, LGBTfobia e racismo. Para Roberto Júnior, o resultado foi satisfatório. “Todos os calouros participaram e se sentiram incentivados politicamente. Nós fizemos uma pesquisa e 60% dos novos alunos afirmaram ter vontade de realizar atividades como a Semana do Calouro e se envolver politicamente com a faculdade,” afirma.

Um dos calouros, Vinicius Barbosa, elogiou o evento. Segundo o estudante, a Semana agregou os novos alunos à faculdade e os fez sentirem-se acolhidos. Vinicius elogiou as mesas de debates realizadas durante a semana, afirmando que elas despertaram nele o interesse em participar politicamente da universidade.

JORNAL LABORATÓRIO | FACOM/UFBA



# Agências nota 10

## Divulgação científica e notícias culturais são produzidas na FACOM

Foto: Dan Figliuolo (LabFoto)



Bolsistas da Agência Experimental de Comunicação e Cultura

**Glenda Dantas e Marcela Vilar**

Produzir informação nas comunidades de Salvador e Recôncavo da Bahia é o principal objetivo do projeto Observatório Universitário da Cultura Popular, que integra a Agência Experimental de Comunicação e Cultura (AECC), da UFBA. Para comemorar seus 10 anos, a Agência desenvolve o documentário dos 100 anos do Terreiro Bate-Folha, em Mata Escura.

O documentário aborda cinco eixos temáticos: religiosidade, território, presença local e presença feminina. Para o lançamento, que está previsto para janeiro de 2018, serão realizados uma série de eventos: exibição no auditório da Facom, no Circuito Cinema de Arte e no próprio terreiro, onde o filme ficará disponibilizado em dvd para a comunidade local.

A produção foi realizada pelos 10 alunos que fazem parte da Agência, dos cursos de Jornalismo, Produção Cultural e do BI de Artes, e ficou sob a coordenação de três tirocinistas. Semanalmente, durante os meses de setembro e dezembro de 2016, os alunos frequentaram as festas e o cotidiano do terreiro, coletaram imagens e realizaram entrevistas com os membros do Bate-Folha.

Mas fazer filmes não é a única atividade da Agência. O Agenciamento ocorre todo semestre na recepção dos calouros, com palestras e projetos artísticos para sensibilizar os novos estudantes a participarem da extensão universitária. A AECC, criada em 2007 sob orientação do professor Giovandro Ferreira, tem como propósito capacitar

mobilizadores sociais a partir da documentação e mapeamento de manifestações populares e comunitárias. Atualmente é coordenada pelo professor José Roberto Severino.

Já a Agência de Notícias em Ciência e Cultura, criada em 2009 pela professora Simone Bortoliero, que até hoje coordena o projeto, oferece aos estudantes a oportunidade de trabalhar com o jornalismo científico. Dentro da lógica do jornalismo especializado, os 10 componentes da equipe, entre bolsistas e voluntários, semanalmente produzem reportagens, entrevistam pesquisadores e cobrem eventos da ciência baiana.

Em paralelo com as atividades cotidianas, a Agência de Notícias tem hoje dois projetos: Todos Podem Fazer Ciência e Ciência sem Cortes. O primeiro foi criado para incentivar jovens de escolas públicas e particulares a ingressarem na carreira científica. Para isso, os bolsistas disponibilizaram suas imagens e representaram diversos segmentos da sociedade, a fim de mostrar que a ciência pode ser feita independente da sua cor, gênero ou condição financeira.

O segundo projeto tem parceria com o professor Nelson Pretto, Faculdade de Educação, e faz parte da campanha nacional “Ciências Sem Cortes”. Com patrocínio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizarão uma produção audiovisual de entrevistas com pesquisadores da UFBA, para dar visibilidade à diminuição dos investimentos na Ciência Brasileira. Ambos os projetos ainda não possuem data para o lançamento.

## Rádio Facom: nossa estação

### Em tons grave ou agudo a voz exerce o papel principal no rádio

**Maria Quinteiro e Raquel Saraiva**

Tudo começou num espaço chamado de “Aquário Fusca”, uma rádio ainda tímida, criada por um grupo de alunos da Facom. O professor Maurício Tavares proporciona aos alunos um encantamento por um mundo diferente. Com toda a experiência de sua carreira acadêmica, “Maumau”, como é carinhosamente chamado, dá um timbre diferente e faz a rádio acontecer. Já foi transmitida uma Copa do Mundo e um dos programas de maior audiência, “Fala que eu te Orkuto”. Ultimamente a rádio tem sido utilizada apenas durante as disciplinas. “A rádio teve um período muito animado, quando funcionava lá embaixo” - conta o docente, referindo-se ao primeiro andar do prédio. “Embora os equipamentos fossem ruins, os alunos estavam muito motivados. A gente tinha 20, até 30 monitores, a maioria voluntários. Foi um período rico para a rádio”, lembra o professor. Hoje a rádio transmite música, um programa de esportes e o Jornal da Facom. todas as sextas-feiras das 11 às 12h, desde há cinco anos.

Um dos quadros de maior repercussão é o “Correio Faconiano”, espaço onde estudantes enviam mensagens anônimas entre eles - muitas de cunho amoroso e outras até mais picantes. Além deste programa, os estudantes do semestre 2017.1 criaram um programa de esportes que tem feito muito sucesso, o “FutSeis”, que vai ao ar pela manhã também às sextas, das 8h às 9h30. Tavares reclama: “Levamos quase um ano para comprar os fios e instalar as caixas de som lá embaixo!. A rádio é um mecanismo de laboratório para fazer com que os alunos façam programas ao vivo, que eles experimentem uma série de coisas. A Rádio Facom permite que os alunos façam trabalhos toda semana durante um semestre inteiro”, destaca.



# Entre cortes e mobilização

## PETCOM enfrenta redução de 50% no orçamento e possibilidade de extinção

Amanda Dultra, Pedro Nascimento, Luciano Marins

**O** corte de verbas no Ministério da Educação (MEC), por meio do governo federal, pode ter afetado diretamente o valor do custeio repassado aos Programas de Educação Tutorial (PETs) no Brasil. No PET da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (PETCOM - UFBA), o orçamento anual teve redução de 50%. Diante do cenário preocupante, inclusive para a permanência dos PETs nas universidades, integrantes do PETCOM enfrentam ajustes nas principais atividades e se unem à mobilização nacional para ressaltar a importância do Programa na formação de estudantes e professores.

Desde 2015, o custeio do PETCOM caiu para R\$ 4,8 mil, segundo o professor-tutor Fábio Sadao Nakagawa. Isso representa metade do valor que era recebido anteriormente. “O maior problema é tentar se ajustar ao orçamento reduzido e ver as prioridades das atividades”, avalia o tutor. Dentre as atividades mais custosas estavam a impressão da revista Fraude e sua festa de lançamento, que deixaram de ser realizadas entre 2016 e 2017, ano em que a publicação teve sua primeira versão digital na 14ª edição. “Esse caminho para virar uma revista digital já estava sendo cogitado. O fato de ter cortado o custeio pela metade acelerou esse processo”, conta Sadao.

Para o ex-bolsista do grupo e editor-chefe da Fraude 14, Thiago Conceição, 23, a mudança para o digital trouxe desafios importantes para a equipe. “O grupo viu que era uma chance de conseguir trabalhar com novos formatos e adequar o tipo de



(LabFoto)

mídia pelo conteúdo da pauta”, afirma. Por outro lado, Thiago também reconhece as dificuldades enfrentadas na plataforma digital. “Mesmo com o apoio do programador, precisamos deixar de lado algumas ideias porque a princípio não teriam como ser executadas na programação do site”.

Apesar do custeio reduzido, Thiago afirma que não percebeu muita alteração no desenvolvimento das outras atividades do PETCOM. “Elas não demandavam tanto a questão do custeio, acabamos dando conta”, diz. O número de bolsistas e o valor das bolsas, que sempre apresenta problemas de atraso, não foram afetados pelo corte no orçamento. Todos os PETs têm 12 bolsistas e o PETCOM, mais seis, voluntários. De acordo com Sadao, a entrada dos voluntários faz com que a alta rotatividade dos estudantes no grupo não seja prejudicial para as atividades da instância. “Há um interesse maior dos estudantes quando a seleção é aberta com bolsa, mas fomos caminhando nessa ideia de que os voluntários substituirão os bolsistas”, completa o tutor.

Diante do futuro incerto sobre a permanência dos PETs nas universidades, o tutor Sadao não descarta a possibilidade de que ocorra a extinção do Programa, porém espera que isso não aconteça. “É algo que não podemos garantir. Espero que não chegue nessa fatalidade porque é um Programa que efetivamente constrói o conhecimento para além da sala de aula e estabelece diferentes relações entre ensino, pesquisa e extensão”, afirma.

### Mobiliza PET

Com a situação desfavorável e a possibilidade do fim dos PETs, começou em 2013 o “Mobiliza

PET”: uma mobilização nacional para que os grupos possam mostrar a sua importância nas universidades. A partir desse contexto, surgiu o Mobiliza PET - UFBA para tentar dar mais visibilidade aos grupos da UFBA.

O PETCOM propôs duas etapas para essa mobilização. A primeira foi a criação da página e a divulgação de vídeos, através de relatos de atuais e ex-membros. “A segunda consiste na criação de um site onde possam acessar todas as informações e as páginas dos PETs da UFBA”, conta o bolsista e estudante de Produção Cultural Mateus Oliveira.

A ex-bolsista e estudante de Produção Cultural Lara Miranda, 23, foi uma das participantes dos vídeos de divulgação do Mobiliza PET - UFBA. Para ela, a mobilização é necessária e urgente. O PET representa a melhor fase da sua formação e possibilitou a ampliação das suas capacidades. “Foi a partir dele que comecei a viver uma experiência universitária completa. Passei a interagir com colegas de habilidades e perspectivas diferentes das minhas de forma intensa”, diz.

Lara avalia que a possível perda de uma instância como o PET na Universidade significa um retrocesso diante dos 28 anos de trabalho do PETCOM. “Arriscamos a possibilidade de perder um espaço de formação dos graduandos e um projeto acadêmico que deu certo”, completa a ex-bolsista que permaneceu dois anos no grupo.



# Boas revistas impressas deixam saudades

## Publicações, antes impressas, hoje são digitais, amanhã serão multiplataforma

**Cristiana Fernandes, Daniel Brito e Marina Bastos**

**T**ocar o papel, folhear página por página, guardar para ler depois. Essas são sensações proporcionadas pelo formato impresso, pioneiro do jornalismo. Produzidas por alunos da Facom há mais de 30 anos - quando o curso de Comunicação ainda era ligado à Escola de Biblioteconomia - as publicações impressas se destacaram por promover, durante a formação dos estudantes, uma prática jornalística próxima à encontrada na profissão. Porém, com o passar dos anos, todas sofreram algo em comum: a mudança para o digital. Vários fatores foram os responsáveis pela mudança, tal como os altos custos do impresso, a interrupção do repasse de verbas, como no caso da revista Fraude, do PET e a adequação ao digital. Mas o pano de fundo desta situação é o modelo de produção das publicações da Facom, hoje atrelado a uma disciplina, estratégia que, na visão de alguns docentes, precisa ser transformada. Nesse sentido a reforma curricular proposta pode trazer boas notícias para a reativação da produção editorial da Facom.

O Jornal da Facom (JF), produto da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso, teve várias edições impressas mas desde 2012 passou a estar apenas disponível em PDF na issuu.com, plataforma online para divulgação de produtos impressos digitalizados. O jornal, que atualmente é produzido pela equipe do 3º semestre do curso de Jornalismo, será repensado considerando as transformações do jornalismo impresso em multiplataforma e o projeto de reforma curricular, que visa a integração e a multidisciplinaridade, passando, assim, a ser o resultado de um processo mais coletivo e integrador entre vários docentes e alunos.

A editora responsável pelo JF, professora Graziela Natansohn, comemora a criação de um núcleo de publicações na Facom. “Temos que ter um jornal que seja a voz das muitas vozes da Facom e não apenas a de um grupo de alunos e uma docente”, afirma. Não só a produção deve ser repensada senão também a divulgação e distribuição. “Não se pode pensar num produto impresso sem um esquema bem organizado de produção de conteúdo, diagramação, distribuição entre seu público e divulgação através de múltiplas plataformas”, ad-

verte. “Já aconteceu de termos centenas de exemplares de revista Lupa acumulados num depósito por não termos recursos humanos para completar a distribuição, que era feita voluntariamente por alunos e alunas”, comenta. “Antes de voltar a imprimir devemos pensar o ciclo inteiro de produção de jornalismo, seja impresso ou digital”, defende a docente.

A revista Lupa, criada em 2006 como produto da segunda turma de Oficina de Jornalismo Impresso e editada pela profa. Natansohn teve destino similar. Após nove edições impressas a publicação, que passou por várias disciplinas, teve sua primeira edição exclusivamente digital em 2010 e atualmente é publicada em formato de blog no endereço [revistalupablog.wordpress.com](http://revistalupablog.wordpress.com). “Quando decidimos criar a Lupa, com recursos mínimos e sem uma equipe que pudesse dar conta de todo o processo envolvido, tivemos a intenção de mostrar a necessidade de engajar o curso com a produção profissional”, relata. “Foi uma empreitada ousada e uma aposta no futuro, pois não tínhamos nem docente de planejamento visual e diagramação, por exemplo. O projeto gráfico e a diagramação foi realizada gratuitamente por uma ex-aluna do cur-

so de Produção em Comunicação e Cultura, Alice Vargas, profissional reconhecida que doou muito tempo e energia para a revista”, afirma.

Outras publicações passaram do impresso ao digital, como o JáÉ, jornal da Agência Experimental em Comunicação e Cultura. A publicação agora é disponibilizada na plataforma issuu, assim como o JF e a Fraude.

Conhecida pelo alcance para além da faculdade e da UFBA, a Revista Fraude, publicação de jornalismo cultural produzida pelo Programa de Educação Tutorial em Comunicação (PETCOM), deixou de ser impressa em 2016, após 13 edições. “O principal fator foi o corte no custeio por parte do Governo Federal. Recebíamos R\$ 8 mil por ano e, em 2015, o valor caiu para R\$ 4 mil. Em 2016, isso se repetiu”, explica Fábio Sadao Nakagawa, professor-tutor do PETCOM. A mudança, porém, trouxe alguns resultados positivos, pois a revista se tornou mais multimídia e inclusiva. O bolsista do programa, Elias Santana Malê, destaca essas mudanças. “Antigamente a revista tinha um QR code para permitir algumas funcionalidades, mas agora ela é mais interativa, a experiência se tornou mais completa”, explica o petiano.

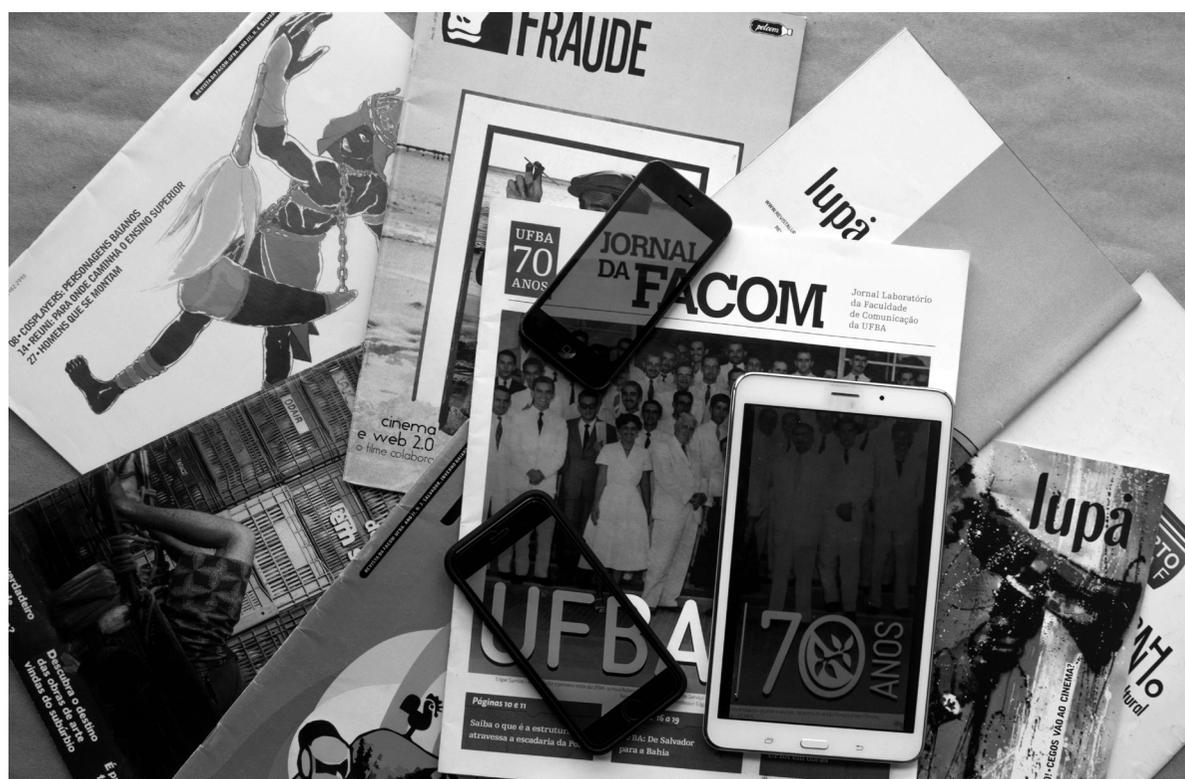


Foto: Brisa Andrade (LabFoto)





# Aqueles que ajudam a Facom acontecer

## Maioria dos funcionários destaca a boa convivência como base para o funcionamento da faculdade

Rayllanna Lima

Portaria, vigilância, limpeza e administração. Talvez estes sejam os principais setores para que uma instituição tenha um bom funcionamento. São desses âmbitos os servidores que controlam a entrada e o trânsito de pessoas, que resguardam a segurança, permitem o acesso às salas de aula, que mantêm a unidade limpa e organizam os semestres. Mas, o diferencial na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia é a boa relação e convivência entre os que ali estão diariamente.

Antes das sete horas da manhã, ele já está lá, no ponto mais estratégico da Facom. E não há ninguém que passe despercebido. José Valter de Jesus Bispo, ou apenas Valter, como boa parte das pessoas o chamam, tem 51 anos e, destes, 12 foram vividos no cargo de porteiro da Facom. Responsável por guardar as chaves das salas, costuma ser com ele, e com outros dois porteiros que se revezam, o primeiro contato do professor e o primeiro bom dia de boa parte dos alunos.

Com tanto tempo na instituição, não é estranho o conhecimento e a antecipação dos funcionários. “A chave da sala 12, não é?”, diz Valter, antes mesmo que o docente faça o pedido rotineiro. Tantas responsabilidades ficam a cargo do porteiro que foi até difícil conseguir uma entrevista. Mas, da feita que começa o bate-bola, segura que lá vem história.

Valter não é de papas na língua, mas, se perguntarem os momentos mais marcantes durante seus longos anos de trabalho, a resposta é certa: as festas. Para o porteiro, esses eram os melhores momentos, porque proporcionavam mais interação entre os frequentadores do instituto. “Hoje não existem mais grandes eventos na varandinha”, reclama.

Mas Valter não é só farra. Tantos anos em uma Faculdade de Comunicação fez com que ele aprendesse até os trejeitos jornalísticos, e assim ele afirma inclusive dar dicas para os alunos. Entre tantos eventos educacionais, muitos fizeram morada na memória do porteiro. “Recordo do debate sobre o plebiscito do desarmamento, que aconteceu no auditório. Mudei meu pensamento, assim como mudei de opinião em relação a várias coisas. Acontecem palestras muito importantes aqui que dão vontade de assistir”, lembra.

Enquanto Valter conversava com nossa equipe, surge ela, Jusceimara dos Santos, que auxilia, junto com a secretária Aline Leal, a diretora Suzana Barbosa. Sempre comunicativa, a recepcionista, que muitas vezes dá apoio na portaria, tem algumas reclamações construtivas a fazer. “Acho que ainda há pouca comunicação aqui. Em casos de notícia, por exemplo, as pessoas vão passando a informação mais no ‘boca a boca’, espalhando boato sem investigar o que houve. Acho que, sendo uma faculdade, a informação precisa ser passada de forma mais certa”, aconselha.

Seus elogios ficam para a diversidade dentro da unidade. “Acho incrível como tem tantas pessoas diferentes aqui, e como aprendemos um pouco a cada dia. Alguns alunos são na sua, fechados, mas outros são muito extrovertidos e conversam muito, alguns até desabafam”, conta Jusci, como é conhecida.

### A boa convivência

Entre os entrevistados pela equipe JF, uma pontuação foi unânime: a boa convivência. “As pessoas aqui te respeitam. Existiram alguns casos desagradáveis, mas quase todos foram de alunos que não eram daqui. O momento mais marcante para mim foi quando fui homenageada em formatura que aconteceu em 2015. Isso é muito gratifi-

cante e alimenta nosso trabalho de segurança que, na Facom, funciona na base da educação”, garante a vigilante Rosaline Souza Santos, que trabalha na unidade há cinco anos.

O convívio diário com os diferentes tipos de alunos faz com que sejam estabelecidas relações de afeto e afinidade. Há seis anos cuidando da limpeza, Silene da Silva Santana lembra com carinho de alguns momentos. “Tive o privilégio de ser homenageada em uma formatura que aconteceu em 2010. Mas tem algo que uma aluna sempre me dá e recarrega minhas energias, um abraço”, diz Silene, referindo-se à estudante Rafaela Fleur.

Os seguranças Thiago Cardoso e Marcia Leite têm somente alguns meses na Facom, entretanto o aspecto que os marcou nesse curto período foi também o bom convívio. “No outro instituto que eu trabalhava, contava o ‘Bom dia’ que recebia. Quase não havia diálogo, nem mesmo entre os colegas de trabalho”, critica Thiago. “A relação aqui dos funcionários entre si também é algo bacana, porque um ajuda o outro”, completa Marcia.

“A Facom é a unidade mais tranquila que trabalhei”, diz o vigilante Petricácio Barbosa Santos. “Acho uma coisa bonita o crescimento do número de negros e ações voltadas para o meu povo na faculdade”, opina. E sugere: “algo que pode melhorar é a cumplicidade. Qualquer ação suspeita que o aluno presenciar, basta falar conosco da segurança para já ficar de olho. Isso evita qualquer ação negativa futura, porque estaremos atentos”, sintetizou o vigilante.

São esses funcionários - dentre dezenas de outros, sobretudo do setor administrativo - que atuam na UFBA. Alguns, desde a década de 1990, ajudando no funcionamento diário da nossa faculdade e protagonizando a história da Facom junto a alunos, alunas e professores.



# Corte de quase 50% no repasse de verbas atinge PósCom

## Cotas e cortes de verbas marcam os pontos fortes do debate, hoje

Fotos: Matheus Buraneli (LabFoto)



Levy Teles, Cristiana Fernandes

Curso de pós-graduação na área de comunicação mais antigo fora do eixo Sul-Sudeste, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Pós-Com) passa por um processo de transformação. Seja positivamente, a partir da aprovação de cotas para o ingresso de negros, quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência, transgêneros, transexuais e travestis, seja negativamente pelos cortes de verba.

Com 27 anos de existência, a partir do início da primeira turma de mestrado em 1990, o PósCom, já formou 110 doutores e 196 mestres provenientes de distintas regiões do Brasil e do exterior. Alguns destes mestres e doutores já estão na carreira docente dentro da própria Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Contando com 19 professores permanentes, 4 professores colaboradores e 90 discentes (atualmente com 59 doutorandos e 31 mestrados), o programa tem destaque no campo da comunica-

ção e da cultura, cibercultura, tecnologia e política e análise do audiovisual, possuindo dois institutos de pesquisa de alcance nacional, o Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania (CCDC) e o Centro de Estudos Avançados em Democracia Digital (CEADD), além de atestar o pioneirismo nas pesquisas em jornalismo digital e cibercultura no Brasil, como afirma a coordenadora atual do Pós-Com, Juliana Gutmann (foto ao lado).

### Orçamento diminuiu

Um dos maiores desafios encontrados pelo PósCom durante as gestões mais atuais é a queda orçamentária. “Houve um corte de 50% das verbas por parte do governo federal” aponta Gutmann. Coordenador entre 2011 e 2015, Edson Dalmonte é testemunha do ápice e queda dos investimentos federais nos programas de pós-graduação. “Nos primeiros anos, eu vi esse recurso dobrar de valor. Era um valor que permitia fazer um planejamento anual. O primeiro grande corte veio em Julho de 2015. De lá para cá, só piorou”, conclui.

Não apenas o governo federal fez cortes, o estadual também reduziu verbas para a investigação científica. A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), nunca liberou verbas do edital de pesquisa de 2015. A partir daí, pesquisadores não tiveram mais apoio financeiro. A situação em quanto às bolsas de mestrado e doutorado dos alunos deixa Gutmann mais tranquila. “Em relação às bolsas, não houve impacto. Elas foram aplicadas. É uma das poucas coisas que a FAPESB cumpriu”, enfatiza. As agências federais, financiadoras de bolsas, também tem cumprido com o pagamento aos pós-graduandos.

### Novas perspectivas

Seguindo a norma do governo da presidente Dilma Rousseff, a UFBA aprovou, em Janeiro de

2017, a adoção do sistema de cotas na pós-graduação, destinando no mínimo 30% das vagas para candidatos negros e uma a mais, do total ofertado pelo curso, para quilombolas, indígenas, pessoas com deficiência, transgêneros, transexuais e travestis. A mudança entra em vigor na próxima seleção de estudantes, prevista para novembro de 2017.

Tema amplamente discutido no colegiado, as perspectivas vislumbradas é de como manejar bolsas para os estudantes cotistas, de modo que eles possam permanecer no programa de pós-graduação uma vez ingressos. “Estamos discutindo com a comissão de bolsas como elas serão redistribuídas, estamos elaborando novas diretrizes” adaptadas a essa nova realidade, afirma a coordenadora.

Mesmo com a mudança favorável para as cotas na pós-graduação, o programa como um todo passa por um momento delicado. “A estrutura da pós-graduação está em crise. O modelo está em crise. Não há recursos que viabilizem a manutenção do quadro. O problema não é no Pós-Com, é nacional. Ano a ano, temos uma redução orçamentária”, explica Edson, mencionando que a crise na pós-graduação está diretamente ligada ao modelo político assumido pela nova gestão do governo federal. “Tudo aquilo que é contrário a uma política neoliberal começa a ser atacado. A universidade pública gratuita é uma das instituições alvo”.

Embora seja nesse cenário que atua o Pós-com, Gutmann ainda enxerga perspectivas do programa seguir avançando. “Por enquanto somos a única nota 5 no Nordeste, mas não podemos pensar apenas no PósCom mas na pós-graduação no Brasil. Seguiremos trabalhando para poder avançar mais”, finaliza..

# O 'click' que você respeita

Entre a Facom e as ruas, Labfoto se consolida na formação de fotógrafos

## Maria Quinteiro

Traduzir histórias, momentos e sensações em imagens que são transmitidas de geração em geração. O Labfoto, espaço da Facom dedicado à fotografia, proporciona aos estudantes essa experiência. Desde 2008, o "Lab" reformulou sua estrutura e passou a oferecer formação específica para os monitores, com duração de dois anos, que permite maior imersão prática em aspectos técnicos e estéticos da fotografia. O curso é dividido em três áreas - fotojornalismo, fotografia de estúdio e fotografia documental - e, ao final, os participantes têm a oportunidade de escolher uma delas para realizar um trabalho autoral. Além disso, os monitores do Lab executam as pautas fotográficas das publicações da faculdade, como o JF e as revistas Fraude e Lupa, permitindo integração com as disciplinas.

## Na Facom

Além de auxiliar algumas disciplinas da Facom, o Labfoto realiza o projeto "Olhar de", realizado através de uma parceria com o Salvador Foto Clube. O evento acontece no auditório da



Fotos: Dan Figliuolo (LabFoto)

Facom com o propósito de expor o trabalho de artistas nacionais, locais e estrangeiros que moram em Salvador e atuam na área de fotografia. Para arrecadar uma renda extra que ajuda à manutenção técnica dos equipamentos, o Labfoto organiza cursos de extensão de curta duração abertos ao público. Atualmente, o coordenador do Labfoto, professor Leonardo Reis, que também coordena o Laboratório de Vídeo, orienta uma equipe formada por 15 pessoas que vai renovando-se continuamente. Dudu Assunção, estudante da Facom e um dos fotógrafos mais antigos do LabFoto, se tornou responsável pela coordenação técnica.

## Além da Facom

O Labfoto também tem uma relação muito próxima ao teatro Gregório de Matos e ao Centro Cultural da Barroquinha. Neste último aconteceu uma exposição coletiva de fotografias com imagens obtidas durante as apresentações teatrais, chamada de "O que passou por aqui". O Labfoto também fez a cobertura dos 50 anos do Teatro Castro Alves, e uma exposição fotográfica na entrada do teatro com fotos de diversos artistas baianos.



Fotos: Gabrielle Guido (LabFoto)



Fotos: Gabrielle Guido (LabFoto)



Fotos: Marco Correia (LabFoto)



Fotos: Gabrielle Guido (LabFoto)

Fotos: Gabrielle Guido (LabFoto)



Fotos: Gabrielle Guido (LabFoto)



Foto: Mallu Silva (LabFoto)

### Boneca sai da caixa

É bem ali, no vão livre do Teatro Castro Alves, diante de olhares de estudantes de fotografia, que diferentes personalidades começam a ganhar forma, cor e retratos irreverentes. O projeto Boneca Sai da Caixa possibilita algo a mais do que registrar os participantes em pleno evento da Parada Gay de Salvador. Proporciona uma experiência diferente para quem ainda está nos primeiros clicks. “É um projeto importantíssimo, porque é um momento em que o Labfoto sai da universidade e vai pra rua. Então, é politicamente importante porque é uma ação em apoio à parada e é fotograficamente desafiador”, avalia Dudu Assunção, monitor do Labfoto desde 2010. O projeto consiste em improvisar um estúdio ao ar livre para que os monitores convidem e fotografem participantes da Parada LGBT de Salvador, que acontece no Campo Grande.





Foto: Cristiane Schwinden

# Como será o jornalismo daqui a 30 anos?

Alessandra Oliveira, Cristiane Schwinden  
Igor Cordeiro, Lucas Arraz, Raquel Saraiva

A agência inglesa Associated Press anunciou, em julho de 2017, a criação de um robô-jornalista capaz de escrever 30 mil notícias por mês. A empresa garante que a intenção não é acabar com a profissão (ufa!), mas agilizar o processamento de dados. A propósito dos 30 anos de fundação da Faculdade de Comunicação da UFBA, tentamos prever como será o jornalismo daqui a três décadas, em 2047.

“Se eu soubesse realmente como seria, eu estaria rico, iria sair na frente”, brinca o diretor executivo do Bahia Notícias, Ricardo Luzbel. Ele lembra que recebeu críticas quando criou o portal online há 11 anos. No entanto, atualmente, são contabilizados cerca de 150 sites noticiosos na Bahia, segundo levantamento da Associação Baiana de Jornalismo Digital (ABJD) - da qual é fundador.

Mas quantidade não é documento. “O acompanhamento instantâneo da audiência e a necessidade de preencher os vazios entre o consumo da velha e a produção da nova notícia pede notas rápidas, muitas vezes de conteúdos rasos ou embaçadas por pseudo-acontecimentos”, critica o editor da Aratu Online, André Uzêda. “Aos 60 anos, gostaria de assistir inovações em casa, aposentado. Mas, dado o caminhar da reforma da Previdência, talvez daqui a 30 anos esteja redigindo uma nota sobre o novo affair da maior musa pop da última semana”, ironiza.

“Será mais hiperlocal e de nicho, com pautas específicas para grupos específicos. Um jornalismo de serviço onde [o leitor] está, e sobre o que lhe in-

## No aniversário da Facom, olhando para o futuro

teressa saber. A grande riqueza do que vem daqui para frente é a multiplicidade de vozes”, acredita o professor Adalton dos Anjos, que pesquisa jornalismo digital. Ele aposta, ainda, em uma mudança no modo de produção das notícias, com presença maior do jornalismo de dados. “Vamos estar mais avançados nesta discussão; saber como a gente e como a sociedade vai lidar com o intenso volume de dados e o big data [conjuntos de dados muito grandes ou complexos]”, diz.

Em 2047, o perfil do jornalista talvez seja o de um prestador de serviços para diversos veículos, passando o menor tempo possível dentro de redações - toda a informação estará na nuvem. Um cenário oposto ao da geração de Roberto Gazzi, que coordenou a reforma digital do jornal O Estado de S. Paulo e assumiu, em 2016, o processo de convergência no jornal Correio\*. “[Nós imaginávamos] fazer uma carreira e provavelmente nos aposentar dentro de uma mesma empresa. Hoje é valorizado o profissional que tem experiência em mais de uma”.

### Mercado

“Os jornais [impressos] insistem em dizer que eles vão sobreviver, mas eu não acredito. Não é que sejam ruins, mas a logística é complicada.

Você tem que ter uma impressora de R\$ 600 mil, carro para levar os jornais a Feira de Santana, papel... é caro”, pondera o gestor do Bahia Notícias, Luzbel. Mas será preciso esperar 30 anos para percebermos indícios da morte dos jornais diários?

Segundo levantamento do portal Comunique-se, 11 veículos de comunicação do Brasil fecharam as portas no ano passado, sendo sete impressos, duas rádios, uma emissora de TV e um site. Com base nos arquivos da plataforma e do site Volt Data Lab, mais de 500 profissionais da imprensa brasileira perderam seus empregos com o fechamento de empresas e demissões em massa no mesmo período.

Apesar das mudanças, Gazzi crê na permanência do impresso. “Não existe uma crise do jornalismo. Existe crise do modelo de negócios”, afirma. Suas outras apostas são: produção de conteúdo hiperlocal e, adivinhe só, o uso de robôs. “Um robô faria muito melhor o que é previsível. Como, por exemplo, o cálculo do dólar ou dar o resultado de um jogo. O jornalista pode ficar livre para fazer uma coisa mais criativa, que surpreenda o leitor”, esclarece.

“Quanto mais nós formos invadidos e inundados por informações, mais importante que você tenha profissionais trabalhando no manejo delas e, tão importante quanto, é a preservação da informação. O jornalismo terá cada vez mais valor político”, acredita o professor Marcos Palácios, que pesquisa webjornalismo e novas tecnologias de comunicação. André Uzêda é o mais visionário em suas previsões. “Os próximos trinta anos podem ser da pós-internet”. Imagine aí.